

Cai a taxa de fecundidade no Nordeste

PNDS revela que o número de filhos por mulher caiu de 3,1 para 1,8 entre 1996 e 2006. Dobrou o número de homens esterilizados

Pesquisa Nacional de Demografia e Saúde de 2006 (PNDS-2006), financiada pelo Ministério da Saúde, revela que a queda na taxa de fecundidade entre as mulheres nordestinas caiu de 3,1 filhos para 1,8 filhos por mulher entre 1996 e 2006. O levantamento, com uma série de variáveis, demonstra mudança de comportamento da brasileira em idade fértil que vive no Nordeste.

Essas mulheres têm mais acesso a contraceptivos. A sondagem constatou que mais de 80% usam algum método e, em dez anos, quase quadruplicou o número de mulheres cujos parceiros utilizam preservativo.

Assim como as demais brasileiras, as nordestinas querem menos filhos e iniciam a vida sexual mais cedo. Segundo a pesquisa, caiu de 19,4 anos para 16 anos a idade da primeira relação sexual. Diferentemente das demais regiões, a precocidade não implicou aumento no número de grávidas entre 15 e 19 anos de idade. No Nordeste, em 1996, as jovens que afirmaram estar grávidas do primeiro filho, à época da entrevista, correspondiam a 3,7%. Em 2006, esse percentual caiu para 3%. As jovens que afirmaram ser mães representaram 16,9% da população, número que não foi alterado em dez anos (veja quadro abaixo).

A precocidade na vida sexual das mulheres resultou no rejuvenescimento do padrão reprodutivo. Em 1996, a média de idade para o primeiro filho era de 22 anos, enquanto em 2006, passou a ser de 20 anos. O aumento na distribuição gratuita de métodos contraceptivos também contribuiu para essa tomada de decisão.

O acesso mais amplo a esses métodos implicou redução dos procedimentos de esterilização em mulheres. Em 1996, 43,9% das mulheres com parceiros fixos haviam realizado essa cirurgia. Em 2006, o índice caiu para 36,7%. A participação dos homens na anticoncepção, com a esterilização, mais que dobrou em dez anos, passando 0,6% para 1,4%.

GESTAÇÃO E PARTO — Um dos grandes avanços evidenciados pela PNDS-2006 no Nordeste foi o acesso de mulheres ao pré-natal. Em 1996, 26,1% das grávidas não tiveram acompanhamento médico durante a gestação. Em 2006, esse número caiu para 2,1%. Outro aspecto importante, que evidencia o maior acesso aos serviços de saúde, foi a redução drástica no número de partos domiciliares. Em 1996, 15,1% dos partos ocorreram em casa, contra 1,6% em 2006. A presença de um médico na hora do parto ocorria em 57,4% dos casos e passou para 80,4% em 2006.

ACESSO A MEDICAMENTOS – A PNDS-2006 investigou a prevalência, em mulheres férteis da região, de enfermidades como hipertensão (10,8%), diabetes (1,4%), bronquite/asma (4,6%), depressão/ansiedade/insônia (9,2%), anemia (31,3%), artrite/reumatismo (4,7%) e vaginite/vulvo-vaginite (23%) e o acesso a medicamentos para o tratamento. Mais de 82% das entrevistadas afirmaram ter acesso aos medicamentos para o tratamento.

PNDS – Mulheres (15 a 49 anos)	1996	2006
Fecundidade e anticoncepção		
Taxa de fecundidade	3,1	1,7
Usa algum método contraceptivo	68,2%	80,2%
Usa pílula anticoncepcional	12,7%	21,6%
Usa preservativo masculino	3%	11,8%
Mulher esterilizada	43,9%	36,7%
Homem esterilizado	0,6%	1,4%
Gestação e parto		
Nunca fez consulta pré-natal	26,1%	2,1%
O parto aconteceu em casa	15,1%	1,6%
Médico presente na hora do parto	57,4%	80,4%
Vida sexual e filhos		
Está grávida do 1º filho (15 a 19 anos)	3,7%	3%
Jovem que já é mãe (15 a 19 anos)	16,9%	16,9%
Idade mediana na primeira relação	19,4	16

Crianças com menos diarreia, febre e tosse

As infecções respiratórias e as ocorrências de diarreia em crianças da região Nordeste diminuíram em dez anos. Nas duas semanas anteriores à pesquisa, em 1996, 17,5% das mães afirmaram que seus filhos haviam tido diarreia. Em 2006, o número de crianças com diarreia no mesmo período perguntado caiu para 13,1%. O uso do soro caseiro foi ampliado no período. Em 2006, 40,4% das mães disseram ter feito uso do soro, contra 18,1% em 1996.

Os quadros de infecção respiratória (febre e tosse) nas duas semanas anteriores à pesquisa apresentaram quedas importantes. Em 1996, 30,4% das crianças tiveram febre e 48,9% tiveram tosse. Dez anos depois, o percentual de febre caiu para 24,5% e o de tosse para 39,1%.

A PNDS-2006 revelou que o déficit de peso entre as crianças da região Nordeste, com até 5 anos de idade, também diminuiu entre 1996 e 2006. Em 1996, o déficit de altura versus idade em crianças com até 5 anos atingia 22,2% dessa parcela

da população. Em 2006, o percentual caiu para 5,9%. O déficit de peso versus altura diminuiu de 3,5% para 2%.

ALEITAMENTO MATERNO – Na região Nordeste, em 2006, 3,7% das crianças nunca foram amamentadas. O Ministério da Saúde recomenda que o aleitamento ocorra na primeira hora após o nascimento. No Nordeste, o número de crianças que foram amamentadas nessa fase, em 2006, foi maior que nos dez anos anteriores: 51,4% contra 37,3%. O aleitamento nas primeiras 24 horas depois do parto, entre crianças algumas vez amamentadas, alcançou praticamente a totalidade em 2006 (99,1%), contra os 65,7% apurados dez anos antes. A mediana de duração da amamentação exclusiva em crianças com até 35 meses de idade (< 3 anos) aumentou de 0,7 meses em 1996, para 2,23 meses em 2006.

DESNUTRIÇÃO MATERNA — Na avaliação do estado nutricional das mães, 4% das mulheres da região apresentaram déficit de peso. A PNDS-2006 revelou também que 40,6% delas estão com excesso de peso e 14,5% obesas. Em relação à circunferência da cintura, 51,6% delas estão com 80 cm ou mais. E entre as mulheres com mais de 88 cm, o percentual chega a 30,3%.

PNDS – Crianças (0 a 5 anos)	1996	2006
Aleitamento		
Amamentação na 1ª hora após o parto	37,3%	51,4%
Amamentação no primeiro dia pós-parto (crianças alguma vez amamentadas)	65,7%	99,1%
Duração, em meses, de aleitamento exclusivo até 35 meses de idade	0,7	2,23
Desnutrição		
Déficit de altura x idade	22,2%	5,9%
Déficit de peso x altura	3,5%	2%
Infecções respiratórias e diarreia		
Teve febre 15 dias antes da entrevista	30,4%	24,5%
Teve tosse 15 dias antes da entrevista	48,9%	39,1%
Teve diarreia 15 dias antes da entrevista	17,5%	13,1%
Atendida nos serviços de saúde	15%	46,1%
Usou soro caseiro	18,1%	40,4%

SEGURANÇA ALIMENTAR — A pesquisa mostrou que o Nordeste, comparado a outras regiões, detém o menor percentual (45,3%) de mulheres que avaliam ter acesso à alimentação em quantidade e qualidade suficientes. A insegurança alimentar grave (restrição quantitativa e qualitativa de alimentos que causa fome), nos três

meses que antecederam a pesquisa, foi verificada em 7,5% dos domicílios, a segunda maior incidência entre as regiões brasileiras (atrás apenas da região Norte, com 13,3%). No meio urbano, esse índice atinge a 8,1% dos domicílios, e no rural, 6,1%.

Outras informações

Atendimento à Imprensa

Ministério da Saúde

(61) 3315 3580 e 3315 2351

Atendimento ao cidadão

0800 61 1997 e (61) 3315-2425